

CAPÍTULO I

A noite passada sonhei com o Paul.

Ele nunca se afasta muito dos meus pensamentos — não se passa um dia em que não esteja comigo — mas até agora não entrava nos meus sonhos. É irônico, suponho, que ele me tenha abandonado, porque antes de cerrar os olhos imagino sempre como seria sentir os seus braços a envolverem-me. Ao adormecer, finjo que a minha cabeça se apoia no seu ombro. Infelizmente, nunca mais terei possibilidade de voltar a estar com o meu marido, pelo menos nesta vida.

Até à noite passada, se me acontecia sonhar com o Paul, tais sonhos eram esquecidos muito antes de eu acordar. Este sonho, no entanto, permaneceu comigo, deixando-se ficar na minha mente, inundando-me simultaneamente de tristeza e alegria.

Quando soube que o Paul morrerá, o desgosto foi avassalador e não pensei ser capaz de prosseguir. Contudo a vida continua a avançar, e eu fiz o mesmo, arrastando-me de um dia para o seguinte até descobrir que conseguia respirar normalmente.

Agora estou no meu novo lar, uma estalagem que comprei há menos de um mês em Cedar Cove, uma cidadezinha acolhedora à beira-mar, na península de Kitsap. Decidi chamá-la Estalagem de Rose Harbor. «Rose» em memória do Paul, meu marido durante menos de um ano; o homem que amarei sempre e cuja perda lamentarei pelo resto da minha vida. «Harbor» por ser o local onde lanço âncora sempre que as tempestades dessa perda me fustigam.

Como isto soa a melodrama... e todavia não há outra maneira de o dizer. Embora eu esteja viva e aja normalmente, há alturas em

que me sinto semimorta. O Paul odiaria ouvir-me dizer isto, mas é verdade. Eu morri com o Paul em abril passado, numa montanha qualquer num país do outro lado do mundo enquanto ele combatia pela segurança do nosso país.

A vida, tal como eu a conhecia, terminou no espaço de uma batida de coração. O meu futuro, tal como eu o sonhava, foi-me roubado.

Todos os conselhos que se dão a quem sofre insistiam em que eu devia esperar um ano antes de tomar qualquer decisão importante. Os amigos disseram-me que lamentaria deixar o meu emprego, abandonar a minha casa em Seattle, e mudar-me para uma pequena cidade desconhecida.

O que eles não compreendiam era que a familiaridade e a rotina não me traziam qualquer conforto ou alegria. Como prezava as suas opiniões, aguardei seis meses. Durante esse tempo, nada ajudou, nada mudou. Sentia cada vez mais a ânsia de me afastar, de começar uma vida nova, certa de que apenas assim encontraria paz e apaziguaria aquela tremenda dor dentro de mim.

Iniciei a busca de uma nova vida na Internet, analisando diversas áreas, todas nos Estados Unidos. A surpresa foi descobrir exactamente aquilo que queria mesmo à minha porta.

Cedar Cove encontra-se do outro lado do estuário de Puget Sound, a partir de Seattle. É uma pequena cidade junto ao mar, situada mesmo diante dos estaleiros de Bremerton. No instante em que deparei com uma lista da imobiliária onde esta encantadora estalagem estava para venda, o meu coração começou a bater a um ritmo acelerado. Eu, proprietária de uma estalagem? Não pensara em montar um negócio, mas percebi instintivamente que precisava de algo que me preenchesse o tempo. À laia de bónus, de confirmação, havia o facto de o papel de anfitriã sempre me ter agradado.

Com a sua varanda a toda a volta e uma vista incrível sobre a enseada, a casa era de cortar a respiração. Numa outra vida, podia imaginar-me com o Paul, sentados na varanda após o jantar, a beber café e a conversar sobre o nosso dia, os nossos sonhos. Com certeza a fotografia posta na Internet fora tirada por um

profissional que lhe disfarçara inteligentemente os defeitos. Parecia-me que nada poderia ser tão perfeito.

Eganava-me. No instante em que entrei no caminho de acesso à casa com a agente imobiliária, senti-me envolvida pelo fascínio da estalagem. Ah, sim, com a sua forte luz natural e as janelas a darem para a baía, aquela estalagem fez-me logo sentir em casa. Era o lugar ideal para iniciar a minha nova vida.

Embora tenha aceitado que Jody McNeal, a agente, me levasse a percorrer a casa, na minha mente já não havia uma réstia de dúvida. Eu estava destinada a ser a proprietária daquela estalagem; era como se a estalagem tivesse permanecido no mercado durante todos aqueles meses à minha espera. Tinha oito quartos de hóspedes divididos pelos dois andares superiores, e no rés do chão, uma cozinha moderna e espaçosa adjacente a uma ampla sala de jantar. Construída no início dos anos 1900, a casa gozava de uma vista esplêndida sobre as águas e a marina. Cedar Cove estendia-se mais abaixo, ao longo de Harbor Street, que serpenteava através da cidade com pequenas lojas de ambos os lados. Senti a sedução deste local mesmo antes de ter oportunidade para explorar os arredores.

O que mais me atraiu na estalagem foi a sensação de paz que me invadiu assim que entrei. A mágoa que fora a minha companheira constante pareceu desaparecer; o desgosto que carregara comigo durante todos aqueles meses abrandou. Em seu lugar instalou-se a serenidade, uma paz difícil de descrever.

Infelizmente, tal satisfação não durou muito, e as lágrimas rasaram-me os olhos deixando-me embaraçada enquanto terminávamos a volta. O Paul também teria adorado aquela estalagem, mas eu iria dirigir-la sozinha. A agente teve o tato de fingir não notar a emoção que eu me esforçava por disfarçar.

— Bom, o que é que acha? — perguntou Jody, expectante, ao sairmos pela porta da frente.

Eu não proferira palavra durante toda a visita, não fizera sequer uma única pergunta. — Fico com ela.

Jody inclinou-se levemente como se não tivesse ouvido bem. — Como?

— Gostaria de fazer uma proposta. — Não hesitei; nessa altura já não tinha dúvidas. O preço pedido era mais do que justo e eu estava pronta para seguir em frente.

Jody quase deixou cair uma pasta cheia de informações relativas à propriedade. — Talvez queira pensar no assunto — sugeriu ela. — É uma decisão de vulto, Jo Marie. Não me interprete mal, eu estou ansiosa por realizar a venda, mas nunca lidei com ninguém que tomasse uma decisão tão importante tão... depressa.

— Pensarei no assunto até amanhã, se quiser, mas não é necessário. Soube imediatamente que era isto que queria.

Quando a minha família tomou conhecimento de que eu tencionava demitir-me do meu emprego no Columbia Bank e comprar a estalagem, todos tentaram dissuadir-me, especialmente o meu irmão Todd, o engenheiro. Eu fora subindo até ao lugar de assistente de direção da filial de Denny Way, e ele receava que eu estivesse a desperdiçar uma carreira auspiciosa. Todd sabia que eu acabaria por ser nomeada diretora. Dera ao banco quase quinze anos, fora uma boa funcionária, e o meu futuro era prometededor.

O que as pessoas que me rodeavam não compreendiam era que a minha vida como eu a conhecera, como eu a desejara, como eu a sonhara, tinha acabado. A única maneira de poder realizar-me era encontrar uma vida nova.

No dia seguinte assinei a proposta para compra da estalagem sem qualquer hesitação. Os Frelinger, os seus proprietários, aceitaram-na, agradecidos, e em poucas semanas — mesmo antes das férias de Natal — reunimo-nos na imobiliária para assinar toda a entediante papelada necessária. Eu entreguei-lhes o cheque visado e recebi as chaves da estalagem. Os Frelinger não tinham aceitado reservas para as duas últimas semanas de dezembro porque tencionavam passar esse tempo com os filhos.

Ao sair da imobiliária, fiz um pequeno desvio até ao tribunal e preenchi o pedido de mudança do nome da estalagem, batizando-a com o seu novo nome, Estalagem de Rose Harbor.

Regressei a Seattle e no dia seguinte apresentei a minha demissão no Columbia Bank. Passei as férias de Natal no meu apartamento, a empacotar as coisas e a preparar a mudança para o outro

lado de Puget Sound. Embora fossem apenas alguns quilômetros de distância, era como se me mudasse para o outro lado do país. Cedar Cove era um mundo completamente diferente: uma encantadora cidadezinha na península de Kitsap, longe do bulício da grande cidade.

Percebi que os meus pais ficaram desapontados por eu ter passado tão pouco tempo das férias com eles no Havai, uma tradição de família. Mas andava muito atarefada a preparar a mudança, que implicava separar as minhas coisas das do Paul, fazer malas, e vender o mobiliário. Precisava de me manter ocupada; o trabalho contínuo ajudava-me a não pensar tanto nesse primeiro Natal sem o Paul.

Mudei-me oficialmente para a nova casa na segunda-feira a seguir ao dia de Ano Novo. Felizmente os Frelinger tinham vendido a estalagem com todo o recheio, pelo que eu só precisava de levar comigo um par de cadeiras, um candeeiro que pertencera à minha avó e os meus objetos pessoais. Demorei apenas algumas horas a desfazer as malas. Escolhi para mim a suíte do primeiro andar que os Frelinger reservavam para seu uso pessoal; tinha lareira e uma pequena alcova com um banco de janela e vista sobre a baía. A divisão era suficientemente grande para conter todo o mobiliário de quarto, além de um pequeno sofá junto da lareira. Gostei particularmente do papel de parede, salpicado de hortênsias brancas e cor de alfazema.

Ao cair da noite encontrava-me exausta. Às oito, enquanto a chuva fustigava as janelas e o vento soprava através das altas sempre-verdes que cobriam um dos lados da propriedade, dirigi-me para o quarto principal no andar de cima. A tempestade tornava-o ainda mais acolhedor, com o seu fogo a crepitar na lareira. Não me assaltou aquela estranheza de nos instalarmos num lugar novo. Sentira-me bem-vinda naquela casa desde o instante em que transpusera a porta da entrada.

Os lençóis estavam frescos e imaculados quando me enfiei na cama. Não me lembro de ter adormecido, mas o que me vem de imediato à mente é aquele sonho com o Paul, tão vívido e real.

Nas sessões de terapia do luto, aprendera que os sonhos são importantes no processo de sarar as feridas. O terapeuta descrevera dois tipos distintos de sonhos: o primeiro, e provavelmente o mais comum, são os sonhos acerca dos nossos entes queridos — recordações que ressurgem.

O segundo tipo é chamado de sonhos de visitação, em que o ente querido atravessa realmente o abismo entre vida e morte para visitar aqueles que deixou para trás. Disseram-nos que esses são geralmente sonhos de tranquilização: o falecido tranquiliza o vivo mostrando que está feliz e em paz.

Haviam decorrido oito meses desde que eu recebera a notícia de que o Paul tinha morrido quando o seu helicóptero se despeñou nos Hindu Kush, a cordilheira que se estende desde o centro do Afeganistão até ao norte do Paquistão. O helicóptero do exército fora abatido pela al-Qaeda ou por um dos seus aliados talibãs; Paul e cinco dos seus colegas dos Airborne Rangers tinham morrido instantaneamente. Devido à localização da queda fora impossível recuperar os corpos. A notícia da sua morte já era dura, mas ser privada de sepultar os seus restos mortais era ainda mais cruel.

Durante dias após ter recebido a notícia, o meu coração alimentou a esperança de que o Paul pudesse de facto ter sobrevivido. Estava convencida de que o meu marido encontraria maneira de voltar para mim. Tal não aconteceu. As fotografias aéreas do local do despeñamento depressa confirmaram que seria impossível ter sobrevivido alguém. No final, aquilo que realmente importava era que o homem que eu amava e desposara partira. Nunca mais voltaria para mim, e à medida que as semanas e os meses decorriam acabei por aceitar esse facto.

Eu levava muito tempo a apaixonar-me. A maior parte das minhas amigas casara na casa dos vinte, e quando atingiram os trinta e poucos a maioria já tinha filhos. Eu fui seis vezes madrinha.

Eu permanecera solteira até aos trinta e tal anos. Tinha uma vida atarefada e feliz, e tanto a carreira como a família me mantinham ocupada. Nunca sentira a necessidade de me precipitar no casamento nem de escutar a minha mãe, que insistia em que eu encon-

trasse um homem bom e deixasse de ser tão esquisita. Tive vários namorados mas, até conhecer o Paul Rose, nunca nenhum me fez sentir que o poderia amar pelo resto da minha vida.

Dado que levava trinta e sete anos a encontrar a minha alma gémea, não esperava que o amor me atacasse duas vezes. Francamente, nem sequer tinha a certeza de querer voltar a apaixonar-me. O Paul Rose era tudo o que eu sempre esperara encontrar num marido... e mais ainda.

Tínhamo-nos conhecido num jogo de futebol dos Seahawks. O banco oferecera-me bilhetes e eu levava um dos nossos mais importantes clientes e a esposa. Quando nos sentámos, reparei em dois homens com um corte de cabelo à militar sentados ao meu lado. Enquanto o jogo decorria, o Paul apresentou-se a si e ao seu colega e iniciou a conversa. Contou-me que estava estacionado em Fort Lewis. Tal como eu, gostava de futebol. Os meus pais eram fãs ferrenhos dos Seahawks, e eu crescera em Spokane a ver jogos na televisão aos domingos, no regresso da igreja, com eles e o Todd, o meu irmão mais novo.

Nessa tarde, quando o jogo terminou, o Paul convidou-me a tomar uma cerveja com ele, e a partir daí vimo-nos quase todos os dias. Descobrimos que partilhávamos muito mais do que o gosto pelo futebol: tínhamos as mesmas tendências políticas, líamos os mesmos autores, e adorávamos comida italiana. Tínhamos até em comum o vício do Sudoku. Éramos capaz de ficar horas a conversar, e fazíamos-lo muitas vezes. Dois meses depois de nos conhecermos, ele foi enviado para a Alemanha, mas a separação pouco afetou o desenvolvimento da nossa relação. Não passávamos um dia sem comunicar por qualquer forma — *email*, texto, Skype, *tweet*, e usávamos todos os outros meios disponíveis para nos mantermos em contacto. Sim, chegámos mesmo a escrever cartas com papel e caneta. Eu já ouvira pessoas afirmarem ter sentido «amor à primeira vista» e troçara. Não posso dizer que tal aconteceu entre mim e o Paul, mas quase. Uma semana após termo-nos conhecido, sabia que ele era o homem com quem me casaria. O Paul disse que sentira o mesmo em relação a mim, embora afirmasse que precisara apenas de um encontro.

Confesso: o amor modificou-me. Sentia-me mais feliz do que alguma vez fora. E toda a gente notou.

No ano passado, o Paul teve uma licença pela altura do Natal, apanhou o avião para Seattle e pediu-me para ser sua mulher. Até falou primeiro com os meus pais. Estávamos loucamente apaixonados. Eu esperara muito tempo e quando lhe entreguei o meu coração foi para sempre.

Em janeiro, logo após o casamento, o Paul recebeu ordem de partida para o Afeganistão. O helicóptero despenhou-se a 27 de abril, e o meu mundo ruiu.

Nunca sentira esse tipo de dor e receio ter lidado mal com ela. Os meus pais e o meu irmão andavam preocupados comigo. A sugestão de terapia do luto partiu da minha mãe. Desesperada para encontrar um meio de aliviar a minha dor, concordei. Acabei por me sentir satisfeita por ter ido assistir às sessões; isso ajudou-me a compreender os meus sonhos, especialmente o daquela primeira noite na estalagem.

Ao contrário do que me fora dito acerca de sonhos de visitação, o Paul não agiu de forma a garantir-me que se sentia em paz. Em vez disso, surgiu diante de mim completamente fardado. Rodeava-o uma luz tão brilhante que era difícil fixá-lo. Mesmo assim, foi impossível virar-me.

Quis correr para ele mas receei que desaparecesse se eu me movesse. Não aguentaria perdê-lo de novo, ainda que aquilo fosse apenas uma aparição.

A princípio, ele não falou. Eu também não, sem saber o que poderia ou deveria dizer. Lembro-me de que os meus olhos se encheram de lágrimas de emoção e que tapei a boca para sufocar os soluços.

Nessa altura o Paul aproximou-se e tomou-me nos seus braços, apertando-me a si, acariciando-me a nuca, confortando-me. Abraçei-o com força, incapaz de o deixar partir. Ele ia murmurando suaves palavras de amor.

Quando o nó na minha garganta abrandou ergui a cabeça e os nossos olhos encontraram-se. Tinha a sensação de que ele estava vivo e que, após uma longa ausência, precisávamos de nos pôr a par

do que acontecera entretanto. Havia tanta coisa que lhe queria contar, tanta coisa que desejava que ele me explicasse. O facto de ele possuir um seguro de vida tão elevado fora um choque. A princípio sentira-me culpada por aceitar uma soma monetária tão grande. Esse dinheiro não deveria ir para a família dele? Mas a mãe morrera e o pai voltara a casar e vivia na Austrália. Nunca haviam sido particularmente chegados. O advogado disse-me que o Paul fora muito claro nas suas instruções.

No meu sonho, quis dizer ao Paul que usara o dinheiro para adquirir aquela estalagem e que lhe dera o seu nome. Um dos primeiros melhoramentos que projetava era plantar um roseiral com um banco e uma pérgula. Mas no sonho não disse nada disso porque ele parecia já saber.

Ele afastou-me o cabelo da testa e beijou-me ali muito docemente.

— Escolheste bem — sussurrou ele, os olhos inundados de amor. — A seu tempo, sentirás de novo alegria.

Alegria? Apeteceu-me argumentar. Não parecia provável nem sequer possível. Este tipo de dor não sara. Lembrava-me de quanto a minha família e amigos se haviam esforçado por encontrar palavras certas para me consolar. Mas não há palavras... não há palavras, simplesmente.

E, todavia, não argumentei. Queria que o sonho durasse, receava que, se eu o interrogasse, o Paul partisse, e ansiava por que ele ficasse comigo. Invadira-me uma sensação de paz e o meu coração, que carregara tão pesado fardo, parecia um pouco mais leve.

— Não sei se consigo viver sem ti — disse-lhe eu. E era verdade.

— Consegues e vais fazê-lo. De facto, vais ter uma vida longa e preenchida — insistiu o Paul. Falava como o oficial que fora, dando ordens que não eram para discutir.

— Sentirás novamente alegria — repetiu ele — e grande parte admirá de possuíres a Estalagem de Rose Harbor.

Franzi a testa. Sabia que estava a sonhar, mas o sonho era tão vívido que desejava acreditar que era real.

— Mas... — A minha mente fervilhava de perguntas.

— Esta estalagem é o meu presente para ti — prosseguiu o Paul. — Não duvides, meu amor. Deus mostrar-to-á. — No momento seguinte desaparecera.

Gritei, suplicando-lhe que voltasse, e fui despertada pelo meu próprio grito agudo. As minhas lágrimas eram reais, e sentia as faces e a almofada húmidas.

Depois fiquei sentada às escuras durante muito tempo, ansiando prolongar a sensação da presença do meu marido. Por fim esta desvaneceu-se e quase contra minha vontade readormeci.

Na manhã seguinte, saí da cama e percorri, descalça, o chão de madeira encerada do vestíbulo até ao pequeno escritório anexo à cozinha. Acendi o candeeiro da secretária e folheei as páginas do livro de reservas que os Frelinger me haviam deixado. Revi os nomes dos dois hóspedes esperados nessa semana.

Joshua Weaver fizera a sua reserva na semana anterior a eu me ter tornado proprietária. Os antigos donos tinham-na mencionado na altura em que assináramos a documentação final.

O segundo nome da lista pertencia a Abby Kincaid.

Dois hóspedes.

O Paul dissera que a estalagem era o seu presente para mim. Esforçar-me-ia por que ambos os hóspedes se sentissem confortáveis; talvez dando algo de mim encontrasse a alegria prometida pelo Paul. E talvez, com o tempo, me fosse possível encontrar o caminho de volta para a vida.